

REDE DE ENSINO DOCTUM
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA Unidade
Serra

GINASTICA ARTISTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

MURILO COSTA MESSIAS¹

WANDENKOKEN MACHADO CLIMA²

DIONÉSIO ANITO TEIXEIRA HERINGER³

RESUMO

Trata de relato de experiências sobre a presença da ginástica artística enquanto conteúdo das aulas de educação física, com destaque para as dificuldades e possibilidades de trabalho com esse importante conteúdo da área. Inicia apresentando uma retrospectiva histórica do lugar da ginástica no surgimento e consolidação da educação física escolar, seu uso e objetivos, com ações ligadas à saúde, fortalecimento e controle do corpo na perspectiva higienista e sua relação com a preparação para o mundo do trabalho. Avança para a relação da ginástica com os primeiros passos da educação física no Brasil e dialoga com sua evolução no contexto esportivo. Se dedica a dialogar com o currículo escolar e o contexto atual da seleção de conteúdos para as aulas de educação física analisando a ausência de alguns importantes conteúdos, entre eles a ginástica, nessa seleção que privilegia algumas poucas modalidades esportivas. Como ponto central da pesquisa, busca apresentar algumas práticas pedagógicas exitosas que se dedicam ao trabalho com a ginástica mesmo com todas as dificuldades e limitações que a realidade apresenta. Nesse contexto, foi possível comprovar que a falta de estrutura física e material, não apenas para as aulas com o conteúdo ginástica, mas também no geral de nossa área, continua a ser um grande problema para a educação física escolar. Finaliza apresentando algumas provocações sobre as razões para a pouca presença desse conteúdo deixando em aberto o lugar e importância dos processos de formação inicial nesse contexto.

Palavras chave: ginástica artística, seleção de conteúdos, currículo de Educação física, experiências exitosas.

¹ Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física pela Rede Doctum de ensino.

² Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física pela Rede Doctum de ensino.

³ Graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Educação Física escolar com estudos em formação e currículo, professor da Rede Doctum de ensino.

ABSTRACT

It deals with the report of experiences about the presence of artistic gymnastics as content of physical education classes, with emphasis on the difficulties and possibilities of working with this important content in the area. It begins by presenting a historical retrospective of the place of gymnastics in the emergence and consolidation of school physical education, its use and objectives, with actions related to health, strengthening and control of the body in the hygienist perspective and its relationship with the preparation for the world of work. It moves towards the relationship between gymnastics and the first steps of physical education in Brazil and dialogues with its evolution in the sports context. It is dedicated to dialogue with the school curriculum and the current context of content selection for physical education classes, analyzing the absence of some important contents, including gymnastics, in this selection that privileges a few sports. As a central point of the research, it seeks to present some successful pedagogical practices that are dedicated to working with gymnastics even with all the difficulties and limitations that reality presents. In this context, it was possible to prove that the lack of physical and material structure, not only for classes with gymnastic content, but also in general in our area, continues to be a major problem for school physical education. It ends by presenting some provocations about the reasons for the low presence of this content, leaving open the place and importance of the initial formation processes in this context.

Keywords: artistic gymnastics, content selection, physical education curriculum, successful experiences.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesse trabalho iremos dedicar estudos à história da ginástica artística (olímpica), seu crescimento como prática, sua importância para o próprio surgimento da educação física como a conhecemos hoje, ainda por ocasião do movimento ginástico europeu, seus desdobramentos, sua presença em âmbito escolar, as dificuldades para se constituir enquanto conteúdo a ser trabalhado nas aulas de educação física e algumas possibilidades que surgem a partir de práticas de profissionais comprometidos com a área.

Para tanto, buscaremos identificar as questões ligadas às dificuldades de espaço físico e material adequados para sua prática escolar dialogando com algumas

experiências e possibilidades de adaptação de espaço físico e construção de material alternativo.

Historicamente a ginástica se constitui como parte importante da educação física, sendo um conteúdo rico e fundamental para seu surgimento e desenvolvimento nos espaços escolares. Por isso, fica sempre esta pergunta: por que a ginástica artística é pouca contemplada em ambiente escolar como conteúdo estratégico nas aulas educação física?

Uma impressão inicial nos leva a imaginar que todo professor de educação física tem condições de trabalhar com a ginástica, pois o conteúdo faz parte da matriz curricular de quase todos os cursos de licenciatura em educação física. Nesse sentido, sua presença na matriz curricular poderia ser um indicativo de uma consequente presença nos espaços escolares.

Um rápido olhar sobre a literatura especializada nos ajuda a desconstruir essa impressão inicial. Autores como Rangel-Betti (1996), reforçados por Kunz (1994), Castelani Filho (1993), entre outros, apontam um pequeno universo das práticas esportivas como aquele que detém a hegemonia na seleção dos conteúdos da área. Rangel-Betti (1996) chegam a identificar uma presença interessante da ginástica em algumas realidades, porém, registram uma limitação à ginástica enquanto atividade física de preparação para esse universo limitado de opções esportivas.

Nesse sentido, pretendemos buscar identificar nesse artigo algumas limitações e possibilidades para que a ginástica artística seja explorada com mais ênfase pelos profissionais competentes nesta área, buscando compreender situações de implementação desta prática em ambiente escolar e dialogar com experiências onde a imaginação e criatividade dos profissionais se mostram fundamentais para adaptar e aplicar estratégias alternativas.

Nossa primeira impressão nesse sentido é que, quanto à iniciação dos alunos na ginástica artística, as possibilidades de tornar-se o ambiente escolar em um ambiente propício para prática da ginástica artística dependem da disposição dos profissionais em superar essa visão hegemônica que limita a seleção de

conteúdos da área a esse pequeno universo de práticas esportivas já identificado em nosso trabalho.

OBJETIVO GERAL

O artigo traz como objetivo identificar como o conteúdo da Ginástica Artística vem sendo abordado no ambiente escolar com suas dificuldades de implementação e possibilidades identificadas em algumas práticas.

Valorizar a importância da Ginástica Artística (GA) no âmbito escolar, como conteúdo de aprendizagem e desenvolvimento motor. “Assim, a ginástica artística se apresenta como efetiva ferramenta de desenvolvimento psicomotor. Incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) como disciplina formadora, pois ajuda a desenvolver o equilíbrio, a resistência, a flexibilidade e a força entre outras variáveis. Também pelo constante estado de risco e transgressão dos limites corpóreos esta modalidade deveria ser amplamente utilizada nas séries finais da educação infantil, e nas séries iniciais do Ensino Fundamental” (Ferreira et al, apud DA SILVA, 2002; AREAS NETO et al 2003)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar alguns problemas enfrentados com a ginástica artística pelos professores de educação física no âmbito escolar;
- Identificar experiências exitosas no trato com a ginástica artística enquanto conteúdo das aulas de educação física.
- Reforçar a importância da prática da ginástica artística como elemento que pode contribuir para potencializar o desenvolvimento integral do sujeito elevando-a a lugar de destaque enquanto conteúdo escolar.
- Salientar os aspectos de aprendizagem de movimentos variados nas atividades da ginástica artística.

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa pretende tratar os dados de forma qualitativa a partir do relato de experiências que como afirma Cervo (1996, p. 49): “a pesquisa descritiva, objetiva registrar, analisar e correlacionar fatos e fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”.

Através de ferramentas de coleta de dados como: entrevistas semiestruturadas realizadas de forma conectada, análise bibliográfica, questionários, etc. buscaremos e coletaremos informações com professores que atuam com a Ginástica Artística em seu cotidiano nos espaços escolares.

Nosso foco será a identificação das dificuldades e possibilidades que fazem parte desse cotidiano de experiências. Nosso campo se estenderá por alguns municípios da grande Vitória e nosso critério para selecionar os sujeitos a serem investigados será o de identificar práticas reconhecidas nessa área. Não pretendemos buscar todos aqueles que atuam com a GA, mas, encontrar alguns que são reconhecidos por suas experiências com esse conteúdo.

Entre esses profissionais está o professor G. C ⁴ profissional de história conhecida com a ginástica artística, com larga experiência na atuação com a educação física escolar e com o treinamento de atletas em nível estadual e até mesmo nacional. A partir de informações coletadas com esse professor vamos buscar identificar outros profissionais que atuam com a ginástica artística.

Para encontrar esse grupo adotaremos como critério a reconhecida prática com esse conteúdo da educação física. O professor Geraldo, nosso ponto de partida, se destaca na área e um dos pesquisadores teve contato ainda no tempo de estudante e pode ver de perto seu compromisso com a GA e sua dedicação com esse conteúdo da educação física. Seus relatos e sua prática devem ser o ponto de partida para uma análise das dificuldade e possibilidade no trato com a GA nos espaços escolares.

⁴ Graduado em Educação física na UFES - Pós administração escolar e ginastica olímpica

A partir dos relatos do professor G.C buscamos professores, que desenvolvem reconhecido trabalho com a ginástica artística e verificamos qual é a importância que cada um deles atribui à presença da ginástica nas escolas, quais as principais dificuldades e possibilidades que eles encontram ao trabalhar com esse conteúdo.

Entre esses profissionais encontramos a professora F.F.A ⁵ - Graduada em Educação Física pela Universidade Vila Velha – UVV, a professora S.C.C.S⁶ - Graduada em Educação física pela Universidade Federal do Espírito Santo com Pós-graduação em Educação física escolar, o professor W.C⁷ - Graduado em Educação física pela Universidade federal de viçosa e a professora A.Q ⁸ - Graduada em Educação física na UFES.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

SURGIMENTO DA GINÁSTICA

Um dos importantes desdobramentos da revolução industrial, ocorrida na Europa a partir da segunda metade do século XVIII, foi o apelo por potencialização das práticas corporais de modo a disciplinar o corpo, torná-lo forte e saudável e garantir uma moral coerente com os valores dominantes da época. Surge então o movimento Ginástico Europeu, procurando dar respostas a essa demanda de corpo forte e saudável, quer para a composição de exércitos preparados para a guerra, quer para o mundo do trabalho nas fábricas que clamava por mão de

⁵ Graduada em Educação Física pela Universidade Vila Velha – UVV

⁶ Graduada em Educação física pela Universidade Federal do Espírito Santo com Pós-graduação em Educação física escolar

⁷ Graduado em Educação física pela Universidade federal de viçosa

⁸ A.Q - Graduada em Educação física na UFES

obra capaz de responder fisicamente pelas demandas diárias, ou ainda para dar conta da demanda higienista que despontava como importante estratégia de combate às doenças e controle sobre o corpo. A partir daí, deu-se início às quatro grandes escolas de ginástica: Alemã, Sueca, Francesa e a Inglesa.

Sendo que a escola Inglesa “voltou-se para as atividades desportivas” (SOUZA, 1997).

Contudo, a presença da ginástica já era percebida muito antes disso. Seu início está diretamente ligado às demandas diárias de sobrevivência do homem desde a pré-história. O desenvolvimento da prática da ginástica veio como uma manifestação de técnicas corporais com formas variáveis, como afirma (FIGUEIREDO s.d).

As Ginásticas como uma revelação da Cultura Corporal de Movimento do homem é a manifestação mais antiga entre as práticas corporais. O surgimento das Ginásticas evidenciado já na Pré-História evoluiu junto ao homem, adquirindo técnicas e formatos variados. Trata-se de uma manifestação com significativo conteúdo entre as nações em diferentes contextos históricos.

De qualquer forma, o movimento ginástico europeu pode ser considerado o marco histórico que dá o tom para que a ginástica se torne elemento pedagógico a figurar nos espaços escolares. A ginástica da Alemanha tem no professor Friedrich Ludwig Jahn (1778 - 1852), a inspiração de patriotismos, voltado para a revanche da guerra perdida, com isso surgem os vários aparelhos, técnicas e regras para sua prática. Friedrich Ludwig Jahn pode ser considerado o pai da ginástica pedagógica, inspirando muitos jovens. Na Suíça, Pehr Henrik Ling (1776 - 1839) fazia algo diferente com a ginástica, demonstrando que o coletivo era eficaz, mostrando um jeito diferente de fazer ginástica com perfeição no ritmo em conjunto. Todos com o mesmo propósito, para fins militares, segundo (SIGOLI 2004)

As Escolas Ginásticas surgiram na Europa no início do século XIX e tiveram desenvolvimento simultâneo em diversos países, o que favoreceu o intercâmbio de informações e tendências. Os objetivos gerais do movimento ginástico europeu estavam voltados ao desenvolvimento pedagógico, higiênico e militar do homem, buscando preparar os jovens para a vida e para a prestação de serviços à sociedade

Nesse contexto, surge a ginástica sueca, seu foco voltasse para o desenvolvimento da força para o trabalho a partir da demanda de movimentos repetitivos exigidos pela industrialização. Além disso, reforça os ideais higienista e o desenvolvimento de homens fortes para tornarem-se futuros soldados prontos para compor exércitos poderosos. Propondo exercícios físicos baseando no nacionalismo, visando os homens com uma moral e saúde boa, para preservar o país, segundo (MORENO 2015).

O projeto de Ling, de criação de um sistema sueco de ginástica, continha fortes traços idealistas. Inspirado pela filosofia alemã de Schelling (1775-1854), Ling acreditava que era possível desenvolver o espírito humano disciplinando o corpo, tarefa essa da ginástica.

Tendo como base as ideias dos Alemães Friedrich Ludwig Jahn e Guts Muths e seguindo as mesmas linhas de pensamento do início da ginástica, a escola Francesa visou o patriotismo e com preocupação com o desenvolvimento dos seus homens, inseriu o termo “completo e universal”, sem modificar as origens da ginástica científica, dando mais condicionamento físico e forças nos músculos (SOARES 2004).

Segundo Ramos (1982), os principais representantes do método Francês foram: D. Francisco de Amoros e Ondeaño (1770-1848), George Demeny (1850-1957) e o método Natural pensado por Hébert (1875-1957).

Amoros se inspirou em Pestalozzi, e voltou-se para um método que se preocupou com a saúde da população (SOARES 2002). “Admitia no sistema três tipos de ginástica: civil, militar e médica. Condenava o funambulismo, que no dizer Amoros, começa onde a utilidade do exercício cessa” (RAMOS 1982, p219) (Ramos 1982) relata também nas suas pesquisas que, Demeny, não concordava com as bases proposta pelo Sueco Ling, então teve a ideia e propôs exercícios de forma completa, organizados e contínuos. Combatendo “hábitos elegantes”, visando melhores benefícios, como salto altos, porta-seios, e cintas, Demeny voltou-se para a saúde da mulher, condenando os meios de sustentação artificiais (SOARES 2004).

Hébert, oficial da marinha e responsável pelos exercícios de educação física dos seus companheiros navais, se destacou por usar o seu método que logo em

seguida deu início à educação física no século XX. Destacando um grande avanço para “Educação Física Desportiva Generalizada”. Com técnicas diferenciadas de Amoros, Ling e Demeny, como afirma (PEREIRA 2019).

Para Hébert, o avanço tecnológico e o uso de máquinas afastavam o homem da vida natural, este distanciamento fazia com que o homem perdesse a sua virilidade. Então, a solução foi sistematizar um método baseado na vivência do homem primitivo, para aplicá-lo na sociedade moderna. O método constituiu em um agrupamento de dez movimentos naturais da espécie humana (marchar, correr, saltar, quadrupedar, trepar, equilibrar, levantar, lançar, defender-se e nadar).

Com a influência da Inglaterra e com o patriotismo de “Jhon Locke, o primeiro a considerar o valor educativo nos jogos (PEREIRA 2019). Dando mais vigor pelo pastor, historiador e pedagogo, Thomas Arnod (1795-1842), visando o ambiente desenvolvedor social e moral, foi inserido no ambiente pedagógico (PEREIRA 2019).

Com o crescimento e expansão do fenômeno desportivo, a própria Ginástica se encaminhou para a dimensão desportiva, materializada nas modalidades Ginástica Rítmica e Ginástica Olímpica. Então, a Ginástica para continuar legítima, resgatou a sua origem greco-romana de performance atlética.

A GINÁSTICA NO BRASIL

No Brasil os primeiros registros da presença da ginástica se dão a partir dos imigrantes alemães em meados do século XIX, nas regiões sul e sudeste. Nesse período a ginástica despontava com relevância enquanto elemento da identidade cultural daquele país, são criadas associações de ginástica. (FIGUEIREDO 2006).

Segundo (SOARES 2002), o método Francês, chega ao Brasil em 1929, trazendo várias propostas pedagógicas que elucidavam a Educação Física escolar no período republicano (RESENDE, SOARES E MOURA 2009).

A Educação física no brasil com presença marcada pela ginastica nas escolas, conta com relatos concretos em 1851, através da reforma Couto Ferraz. Entre o fim do período imperial e o início do republicano, nas ultimas década XIX,

encontramos também registros que valorizam esse fato, quando Rui Barbosa, em 1882, defende a ginástica na “reforma do Ensino primário, Secundário e Superior” como método indispensável no período Juvenil (Ramos, 1982 in Soares, 2012).

A GINÁSTICA NAS ESCOLAS

A ginástica educacional começou na Alemanha, através do Guths Muths em 1793, logo perdeu propriedade, “suas ideias ficaram em segundo plano quando Napoleão derrotou os alemães em 1805” (BREGOLATO, 2002, p. 84). Logo em seguida como diz (FIGUEIREDO, apud OLIVEIRA, 1985).

Este fato despertou um forte sentimento nacionalista enaltecendo o Método Alemão, onde Friedrich Ludwing Jahn, considerado ‘Pai da Ginástica’ se apóia em características políticas e militares para desenvolvê-lo. Porém, Adolph Spiess, também alemão, preocupado com a prática das Ginásticas pela população (OLIVEIRA, 1985), tem seu sistema ginástico implantado nas escolas Alemãs por volta de 1820.

Segundo Soares et. Al. (1992, p. 77), a ginástica como uma forma de exercitação, provoca “valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura das crianças, em particular e, do homem, em geral”. Demonstrando que as crianças aprendem a partir da vivencia da ginástica.

Já no Brasil surge como desejo de desenvolvimento, despontando com mais forças a partir da proclamação da república, com discursos de saúde higienizada. Começando na capital e em escolas militares da época. A partir de 1920 outros estados além da capital, começaram a colocar ginástica nas escolas, reformulando os currículos educacionais. (BERTINI p. 21, 2012).

[...] esses métodos foram sendo introduzidos no país na grande maioria por imigrantes e também por docentes que buscavam no exterior aprimoramento na área. Os principais são: o sueco, o alemão e o francês. O sueco foi trazido por brasileiros que estagiaram no Real Instituto de Estocolmo e teve uma aceitação parcial, e como legado fixou o uso de alguns aparelhos como plintos, banco sueco, etc. O método alemão chegou ao Brasil no início do século XX, por meio de imigrantes que se fixaram em sua maioria no sul do país, introduzindo o turn, espécie de manual ginástico para formação de um homem novo e com princípios patrióticos. Por fim, o método que na época mais contribuiu com a educação física brasileira foi o francês, que chegou

com a missão militar francesa e foi o mais desenvolvido nas escolas do Brasil.

A GINASTICA NAS ESCOLAS NO CONTEXTO ATUAL

Fazendo uma reflexão sobre o assunto nos dias atuais, questionamos se o professor está preparado para assumir a experiência de colocar em pratica a ginástica artística no âmbito escolar, como forma de uma pratica pedagógica, merecendo destaque igual a outros conteúdos que já estão inseridas no cotidiano curricular das escolas.

Darido (2012) critica a hegemonia de algumas poucas práticas corporais nas aulas de Educação Física, tratando com suma importância a “vivência experimentadas as aulas”, relatando que a opção por um pequeno universo de esportes tradicionais interfere muito na adição de novos conteúdos de aprendizagem como a ginástica, rica em cultura e possibilidades de desenvolvimento do aluno. A autora ainda afirma que:

[...] a inclusão e a possibilidade de vivências das ginásticas, dos jogos, das brincadeiras, das lutas, das danças podem facilitar a adesão do aluno na medida, em que aumentam as chances de uma possível identificação. É importante ressaltar também que educação física, na escola, deve incluir tanto quanto possível todos os alunos nos conteúdos que propõem adotando para isto estratégias adequadas.

A autora, em seu diálogo com Zabala (1998), COLL, C. et al (2000), Libâneo (1994), destaca a necessidade de ampliação do conceito de conteúdos incluindo no debate as dimensões conceitual, atitudinal e procedimental no trato com os mesmos, demonstra que essas dimensões são ponto de partida para uma abordagem integral do processo de aprendizagem.

Destaca ainda em seu diálogo com autores como: Rangel-Betti (1995), Kunz (1994), Lovisolo (1995), Castelani Filho (1993), a necessidade de ampliar e aprofundar o universo de conteúdos da educação física deixando evidente os aspectos negativos do pequeno número de conteúdos que tem merecido destaque na área e da superficialidade com que, mesmo esses, são tratados.

Como afirmam os PCNs na área de educação física: são conteúdos a serem abordados pela educação física “toda dimensão da cultura corpora de movimento, envolvendo, dessa forma o conhecimento do corpo, esporte, jogos, lutas, ginástica, atividade rítmicas e expressivas dentre outras” (BRASIL 1998b).

Nesse sentido, as diretrizes curriculares para o ensino fundamental e a educação de jovens e adultos da Prefeitura Municipal de Vitória (2016), apresenta esse universo de práticas corporais em forma de eixos e remete seus professores a pensarem sua prática a partir de objetivos de aprendizagem que devem nortear todo processo de planejamento.

As diferentes formas que se constitui a cultura do movimento, é uma construção histórica e revela a relação humana com as práticas corporais (acrobacias, brincadeiras, danças, dramatizações, esportes, ginásticas, jogos, lutas).

Importante destacar que as diretrizes curriculares da Prefeitura Municipal de Vitória (2016), oferecem um currículo rico em possibilidades e diversidades, direcionando para uma ampliação de conteúdos e para uma abordagem ampla dos mesmos.

Em se tratando especificamente de nosso objeto de pesquisa, Schiavone (2003), destaca que a falta de conhecimento sobre a ginástica faz com que a maioria dos profissionais não visualizem as possibilidades de ensino destas modalidades no âmbito escolar.

Nesse ponto somos levados a uma grande interrogação: as diretrizes curriculares para cursos de licenciatura em educação física indicam a presença do conteúdo ginástica de forma geral e bastante ampla. Nesse sentido, como concordar com Schiavone sobre essa “falta de conhecimento” sobre a ginástica, será que essa presença na matriz curricular dos cursos de formação inicial não está dando conta de garantir esse conhecimento? Mesmo não sendo objeto de nossa pesquisa, essa questão pode nos dar alguma pista sobre as possíveis dificuldades no trato com esse conteúdo nos espaços escolares.

Outro ponto que nos remete à identificação de possíveis dificuldades é a questão dos espaços físicos e materiais para o trabalho com a ginástica, em especial a

Ginástica Artística. Infelizmente a realidade de estruturas físicas precárias e ausência de material especializado faz parte do cotidiano da maioria das escolas brasileiras.

Nesse sentido, a identificação do problema vai nos conduzir na direção das possibilidades de adaptação e criação de material alternativo e exploração e espaços diversos no cotidiano das experiências com a ginástica artística nos espaços escolares. É nessa direção que passamos a relatar algumas experiências de trabalhos desenvolvidos com a GA em escolas do município de e Serra/ES.

RELATANDO EXPERIÊNCIAS EXITOSAS

Nossa coleta de dados priorizou entrevistas semiestruturadas como ferramenta central de busca. Para tanto, como já relatado em nossa metodologia, buscamos profissionais com práticas reconhecidas no desenvolvimento da ginástica artística como conteúdo das aulas de educação física. Ao entrevistar esses profissionais centramos nossa busca nas dificuldades e possibilidades de trabalho com a ginástica.

Uma primeira análise dos dados aponta bastante semelhança nos relatos em relação às dificuldades em abordar esse conteúdo. De maneira geral, as escolas onde atuam os professores investigados, não contam com material específico para esse fim. Até mesmo os espaços físicos existentes apresentam problemas por contar muitas vezes com pisos irregulares e até mesmo falta de espaço. De qualquer forma, a falta de material foi apontada como um dos principais impasses para os professores trabalharem.

Para alguns professores entrevistados, um dos principais motivos para o gosto pela ginástica foi a vivência no conteúdo quando eram acadêmicos, ou quando começaram fazendo estágio na área.

Segundo F.F.A (2020), as aulas levam ao universo de características e

“vivenciamos o experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais)”. Seguindo com os relatos, encontramos uma serie de possibilidades e vivências que ela salienta para sua prática F.F.A (2020)

Em geral os alunos apreciam as aulas da modalidade; no entanto ela se realiza de forma adaptada e voltada para o esporte participativo; considerando e respeitando a diversidade das vivências de cada aluno, e prezando pelo aprendizado e segurança do todo; de acordo com os objetivos propostos para o ambiente escolar e com o que a Instituição pode oferecer. (F.F.A2020, informação verbal).

A professora S.C.C.S relata que trabalha com diversos esportes, em um trimestre específico dedica no mínimo duas semanas para a Ginástica Artista, pois, para ela é um esporte que desenvolve o “esquema corporal e a coordenação” de uma forma recreativa. Os alunos do Infantil ao fundamental I são os que mais participam. Segundo ela, o fundamental II e o ensino médio apresentam um pouco de receio na vivência das atividades ginásticas S.C.C.S (2020).

O professor W.C relata que na década de 1990, participou, juntamente com mais alguns docentes, de um trabalho de pesquisa sobre o diagnóstico da ginástica nas escolas públicas da ilha de Vitória-ES. Segundo ele a pesquisa apontou que poucas escolas estaduais do município de Vitória apresentavam trabalho consistente com a prática da ginástica artística. Ainda segundo ele, algumas das escolas investigadas apresentavam boa estrutura de espaço físico e até mesmo materiais, mas, mesmo assim não foi identificada a presença da prática da ginástica nessas escolas.

Essa mesma pesquisa apontou que a presença esportiva era muito forte no cotidiano das aulas de educação física das diversas escolas investigadas.

Contudo, essa presença se limitava a esportes como voleibol, futebol, handebol e basquetebol, esportes de tradicional presença nas aulas de educação física. Como principal ponto para a ausência da ginástica foi apontada a insegurança dos professores no domínio dos elementos da ginástica e o receio de acidentes

durante a realização das atividades. Outro ponto apontado foi a falta de materiais específico para o desenvolvimento da ginástica. W.C (2020).

W.C cita o professor G.C.S como um dos principais treinadores capixabas nos anos em que ele fazia seu diagnóstico, foi um grande inovador na ginástica das escolas do Espírito Santo e por que não dizer do Brasil, desenvolvendo ginástica escolar em todos os níveis, criando ambiente adaptado para as práticas, juntamente com os pais, alunos e coordenadores das escolas, conseguindo colchoes velhos e outros materiais alternativos, para evitar risco para os alunos. O professor W.C. destaca que, em sua opinião, a ginástica só não é desenvolvida nas escolas devido a uma falha na formação acadêmica dos professores de Educação Física. Para ele, os atuais currículos de formação inicial não têm dado conta de preparar os futuros professores para lidar como o ambiente escolar. W.C (2020).

Para o professor W.C, muitas são as possibilidades de trabalho com a ginástica e seu diferencial está exatamente na diversidade de movimentos que ela oportuniza. O aluno fica em posição invertida, de cabeça para baixo, etc. Situação vistas apenas em elementos como a capoeira. Por ser diferente, desperta bastante interesse nos alunos, que acabam sendo motivados por essa diversidade e pelo nível de dificuldade que se apresenta ao fazer novos movimentos. Além disso, o contato permanente entre os alunos ajuda na socialização e na consolidação de fortes laços de amizade. W.C (2020).

Nosso próximo entrevistado é o professor G.C.S, que como já relatamos, deu grande contribuição para o desenvolvimento da ginastica artística em escolas de nosso estado. Ele começa falando da carência do Brasil em relação ao desenvolvimento da educação física de maneira geral. O professor destaca que sua trajetória tem início com aulas de futsal e vôlei, em escolinhas de escolas particulares. É então que, após uma transferência para o município da Serra, surge a oportunidade de iniciara uma nova trajetória profissional.

O professor G.C. relata a série de improvisações que teve de fazer no começo de sua trajetória docente para tentar dar conta da presença da ginástica em seu cotidiano. Destaca um mutirão realizado com os alunos para melhorar o espaço

para a prática da ginástica, quando cita uma fala do autor LEGUET (1987) que valoriza a ideia de improvisação, mas com garantia de condições adequadas para a prática pedagógica.

Para o professor Geraldo, a iniciativa do mutirão para potencializar o espaço físico da escola, qualificou as práticas da ginástica e ainda permitiu a inclusão de outras possibilidades no espaço adaptado. E assim o local de forma improvisada se tornou viável para algumas práticas em relação à educação física, não apenas a ginástica G.C.S (2020). A partir das primeiras iniciativas com a ginástica as aulas foram dando mais resultados e os alunos se envolveram cada vez mais.

Com isso foram se desenvolvendo vários movimentos ginásticos como: a estrelinha, rolamento para frente, para traz, parada de mão, etc. Os alunos aproveitavam todo o espaço da quadra improvisada para fazer os movimentos propostos, inclusive usando o muro da escola que ficava junto ao espaço improvisado para dar seus primeiros saltos.
(G.C.S2020informação verbal)

Com os avanços dos trabalhos, o professor foi buscando outras formas de qualificar ainda mais suas aulas, explorando o interior da escola obteve alguns carpetes velhos e alguns colchonetes. Neste instante os movimentos tornaram-se mais técnicas e as possibilidades de trabalho com a ginástica se ampliaram.

[...] como uma vela bem-feita, uma parada de mãos mais sincronizada, um rolamento bem feito e ali foram sendo preparados alunos para alguns festivais de ginásticas, para minha surpresa, estavam muito à frente dos demais. Os bons resultados alcançados, mesmo com todas as dificuldades encontradas, me levaram a pensar em oferecer vivências em um espaço mais apropriado, foi quando pensei na Universidade Federal do Espírito santo (G.C.S 2020).

Devido à evolução dos alunos, mesmo nas condições adversas, ou seja, sem materiais apropriado, o professor com seu olhar crítico, percebeu que precisava dar um salto maior com aqueles alunos, já que alguns deles se destacavam na modalidade. Mesmo ainda com suas aulas no ambiente escolar improvisado, os alunos que se destacavam, já participavam de festivais de ginástica alcançando ótimos resultados. O professor, mesmo surpreso com o que estava acontecendo, percebeu que precisava avançar.

No ano de 1985, devido a toda essa evolução no desempenho de seus alunos, o professor G.C.S recebeu um convite de um grande professor da época, para levar seus alunos ao Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo CEFD/UFES, para que outros atletas da época pudessem ver o trabalho do professor e suas técnicas de treinamento.

Logo após, essa ação, o professor procurou o CEFD/UFES e conseguiu uma parceria importante que permitiu o uso do espaço próprio da universidade com um grupo de alunos interessados em desenvolver essa prática, a universidade federal cedeu dois dias na semana para os alunos do professor realizarem seus treinamentos utilizando toda a estrutura de ginástica artística daquele centro. Essa experiência permitiu que o trabalho com esse grupo de alunos fosse ampliado e ganhasse um importante espaço para desenvolver a ginástica.

Por ser uma distância muito razoável da universidade para a escola onde o professor trabalhava dando muito certo essa parceria, pois no final ano de 1985, já havia três alunos do G.C.S convidados para treinar junto com a seleção brasileira de ginástica. Logo no início de 1986, os três alunos foram convocados para a seleção, sendo dois titulares. G.C.S (2020)

E com o trabalho na escola já se destacando no município da serra, receberam algumas doações de matérias para a escola como: dois bancos suecos, dois colchoes para fazer solo e um mini trampolim. O professor enfatiza muito que a preparação e a adaptação são muito importantes para o seguimento daquilo que foi proposto no início de tudo G.C.S (2020)

Sintetizando sua proposta para a ginástica artística, o professor destaca que organiza suas ações em duas frentes: adaptação e iniciação. Para ele, as ações podem ser desenvolvidas na quadra com o trabalho de preparação, fazendo uma sequência de atividades lúdicas com alguns movimentos ginásticos e assim a criança trabalha os movimentos sem perceber, adquirindo confiança.

Já a professora F.F.A, implementou a ginástica através da Matriz Curricular do Colégio particular em que atua, que segundo ela, é constantemente atualizada

pela Equipe de Profissionais de Educação Física; seguindo as Bases Nacionais Curriculares (BNCC). Para potencializar ainda mais suas ações, além das vivências naturais da ginástica artística, lança mão de aulas teóricas onde apresenta a modalidade, sua origem, características, regras e aparelhos. F.F.A (2020).

A professora A.Q relata como as possibilidades de vivências da ginástica artística nas aulas de educação física atendem as expectativas dos alunos. Para isso, ela diversifica a modalidade adaptando aparelhos, espaços e movimentos ginásticos. Ela demonstra uma certa tranquilidade, pois os alunos retribuem “permitindo assim sua prática” nas aulas da professora, A.Q.(2020).

Retomando o debate sobre as dificuldades em se trabalhar com esse conteúdo nas aulas de educação física, identificamos com a professora F.F.A, uma boa síntese dos relatos gerais.

Quanto às dificuldades em implantá-la no ambiente escolar; posso citar que alguns alunos se recusam a tentar realizar determinados movimentos, devido ao risco ou como algo que não tem experiência para realizar, bem como a demanda de espaço e investimento que a Ginástica Artística. (F.F.A 2020, informação verbal).

Segundo F.F.A, para superar as dificuldades da parte de alguns alunos, que demonstram medo por conta da prática, lança mão de adaptações de aparelhos e metodologia, deixando as práticas com mais tranquilidade para os alunos. Para ela, a segurança e confiança no trabalho com a ginástica são elementos importantes de serem observados o tempo todo.

Ainda em relação às dificuldades, a professora A.Q afirma de forma mais contundente a ausência do material básico que seria necessário para o desenvolvimento de um trabalho mais seguro que apresentasse uma melhor aceitação da parte dos alunos. Ela é enfática em alguns questionamentos:

As maiores dificuldades de se trabalhar a ginástica na escola começam pela questão estrutural. Os aparelhos básicos, como colchões, que dão maior segurança à prática, na maioria das vezes, não fazem parte da realidade das nossas escolas. Outros aparelhos, nem se fala (A.Q.2020, informação verbal).

Questiona também da falta de vivência de muitos professores quando saem da faculdade, inibindo a inclusão da modalidade nas aulas de Educação Física.

O professor G.C.S, apesar dos resultados interessantes que alcançou, relata as mesmas dificuldades quando chegou a escola e destaca ainda os graves problemas estruturais que a comunidade enfrentava no bairro. Demonstra ainda uma grande preocupação com as formações de hoje, pois, para ele, nos dias atuais existem poucas disciplinas referente a ginástica nos cursos de formação em Educação Física. Para ele, as atuais matrizes curriculares deixam a desejar nesse ponto, se compararmos com sua época de graduação, onde os alunos tinham até cinco matérias exclusivamente para ginástica.

Reforçando a relação de dificuldades a professora S.C.C.S destaca a falta de materiais específicos para aula como um dos maiores problemas para o trabalho com a ginástica artística nas escolas. No mínimo necessita de um colchão ou tatame, dependendo da escola é difícil ter esse material.

Se conseguirmos alguns aparelhos como colchão gordo, trampolim, Mini trapinho e plinto, o desenvolvimento e interesse se torna melhor. Eu sempre use material alternativo para esses últimos aparelhos. (S.C.C.S. 2020, informação verbal).

S.C.C.S relata ainda que os pais desconhecem o conteúdo da ginastica artística, inclusive em ambiente escolar, o medo que eles transmitem para os filhos tornasse uma das dificuldades de aceitação dos alunos na prática da ginastica nas aulas de Educação Física. Quando o professor inicia com o trabalho de ginástica artística na escola precisa estar preparado e ter argumentos convincentes para convencer aos diretores e coordenadores que é uma prática segura. Pois existe uma corrente de pessoas que acham que a ginástica artística é muito perigosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso diálogo com algumas práticas exitosas no trato com a ginástica artística enquanto conteúdo das aulas de educação física nos presenteou com o

reconhecimento de que muita coisa está sendo feita. Apesar de todas as dificuldades encontradas em nossa pesquisa, pudemos comprovar que vários professores atuam com a ginástica e não se furtam a esse importante conteúdo da educação física.

Também foi possível comprovar que a falta de estrutura física e material, não apenas para as aulas com o conteúdo ginástica, mas também no geral de nossa área, continua a ser um grande problema para a educação física escolar. Reforçou ainda a impressão de que o seleto grupo de esportes privilegiados na área continua a merecer grande visibilidade entre os professores.

Encontramos ainda uma grande interrogação nos processos de formação inicial de professores de educação física. Afinal, o que vem acontecendo com esse processo de formação para que professores formados na área não se sintam preparados para atuar com um conteúdo com o qual tiveram contato na formação inicial?

Será que esse fator se apresenta em todas as realidades, será que essa interrogação se dá na falta de vivências específica desse elemento da cultura corporal de movimento. Ou será que isso ainda é resquício do embate antigo entre o lugar da teoria e da prática na construção dos fazeres docentes dos professores de educação física. De qualquer forma, esse pode ser um excelente tema para aprofundar essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDREA, MORENO. **A propósito de Ling, de lagimnasia sueca y de lacirculación de impresosenlenguaportuguesa.** *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* [online]. 2015, vol.37, n.2, pp.128-135.

BERTINI JR., N. **O OLHAR DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA CONTEMPORÂNEA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas Centro de Ciências Humanas e sociais aplicadas. Campinas, 2012.

CASTELLANI FILHO, L. **Pelos meandros da Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.14, n. 3, p. 119-125, 1993.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica.** – 4.ed. – São Paulo: Makron books, 1996.

DARIDO, C. S. **Educação Física na escola: conteúdos duas dimensões e significados.** Universidade Estadual Paulista – Rio Claro. 2012 FIGUEIREDO, F, J, **O CONHECIMENTO HISTÓRICO DAS GINÁSTICAS SOB ÓPTICA DE PROGRAMAS ACADÊMICOS E**

PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA - Universidade Estadual Paulista/ Rio Claro. 2006 LE GOFF, J. **História e memória.** 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1992.

LEGUET, Jacques. **As Ações Motoras em Ginásticas Esportiva.** Editora Manoele LDTA, S.P. 1987.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 1994.

PEREIRA, A.M; CESÁRIO, M. **Da Ginástica ao Nascimento da Educação Física e o Advento do Racionalismo.** Universidade Estadual de Londrina. 2019

PCN, **parâmetro curricular nacional.** Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.1997

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares para o ensino fundamental.** Vitória, 2004

RAMOS J.J. **Os exercícios físicos na história e na arte.** 1 ed. São Paulo: Ibrisa, 1982.

RANGEL-BETTI, I. R. **O que ensinar: a perspectiva discente.** Revista Paulista de Educação Física, supl, n.1, v.1, p.26-27, 1995.

ROSADAS, S. C. **Eu posso!. Vocês Duvidam?** RJ: ATHENEU 1989.

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. **A história do uso político do esporte.** R. bras. Ci e Mov. 2004; 12(2): 111-119.

SOARES et alli. **Metodologiao ensino da educaçao física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. **Educaçao Física: Raizes europeias e Brasil**. 3 ed. Campinas: Autores associados, 2004.

SOARES, C. L. **Imagens da Educaçao no Corpo: Estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOARES, E. R. **Educaçao Física no Brasil: da origem até os dias atuais**. Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 169, Junio de 2012.

SCHIAVON, L. M. **Materiais alternativos para a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005, p. 169-181.